

CORPO A CORPO

José Sarney

03 FEV 1994

O GLOBO Projeto para a governabilidade

DENISE ROTHENBURG

BRASÍLIA — Enquanto vários partidos se articulam para tentar encontrar um nome para derrotar Luís Inácio Lula da Silva na corrida presidencial, o senador José Sarney (PMDB-AP) trabalha num projeto capaz de garantir a governabilidade ao país. Ele assegura não ter "lulafobia" e diz não acreditar na revisão constitucional da forma como está sendo feita.

O GLOBO — O senhor acredita que os partidos como PMDB, PSDB e outros possam fazer uma aliança capaz de derrotar o PT nas urnas, uma vez que todas as pesquisas até agora apontam Lula como o favorito?

JOSÉ SARNEY — Uma aliança não pode ser contra ninguém. Temos que ter uma aliança sim, mas não para derrotar o PT. Uma aliança tem que ser feita com base num projeto para o país e vamos trabalhar por isso. Eu não tenho lulafobia. O PT já tem uma grande dimensão e faz parte da estrutura institucional do país. O PT tem que lutar contra seus radicais, quer em caso de vitória quer em caso de derrota e o senhor Lula está atento a isso. Não sou daqueles que fazem parte do catastrofismo ao pensar no PT.

O GLOBO — Isso significa que o senhor pode até a vir apoiar Lula num segundo turno?

SARNEY — Em política, não podemos falar de hipóteses futuras. No momento, nosso problema é estabelecer uma aliança que tenha um projeto para o país. E essa aliança não pode excluir o PFL.

O GLOBO — O senhor acredita que será fácil juntar PSDB, PFL, PMDB, com todas as suas diferentes correntes, depois das críticas do governador Ciro Gomes a alguns nomes do PMDB?

SARNEY — A avaliação das alianças deverá ser feita por quem ficar encarregado de fazê-la. Não comento as declarações do governador Ciro Gomes. O que eu sei é que com o



Arquivo

«Numa aliança, o nome do candidato eu não sei, mas não pode deixar de ser do PMDB, que é o maior partido.»

José Sarney

PFL já tivemos uma experiência, a Aliança Democrática, que resultou em 22 governadores, maioria absoluta no Congresso e no Senado.

O GLOBO — Mas quem seria o candidato ideal dessa aliança?

SARNEY — O nome eu não sei, mas não pode deixar de ser do PMDB, que é o maior partido. Numa aliança é preciso levar em conta o valor de cada partido. O PMDB é de centro-esquerda. Foi responsável pela transição democrática e tem grandes nomes. Qualquer que seja o candidato do partido terá o meu apoio.

O GLOBO — O senhor excluiria o seu nome dessas negociações?

SARNEY — Tenho recebido diversas cartas de admiradores no sentido

de não fazer uma auto-exclusão do meu nome. A todos, eu tenho dito que não desejo colocar o meu nome. Já fui presidente e me livre de todas as ambições.

O GLOBO — O senhor jantou na terça-feira com o ministro Fernando Henrique Cardoso. Alguma promessa de apoio ao plano?

SARNEY — Discutimos basicamente a revisão constitucional. O que eu vejo é uma ausência de diretriz nos trabalhos. Não há coordenação sobre os pontos que se deve reformar.

O GLOBO — O senhor é contra a revisão?

SARNEY — Não sou contra. O problema é que estamos trabalhando na periferia e no casuismo.